

O CARNAVAL DO CRIME – UMA ENTREVISTA COM MIKE PRESDEE (*IN MEMORIAM*)

*THE CARNAVAL OF CRIME – AN INTERVIEW WITH MIKE PRESDEE (*IN MEMORIAM*)*

APRESENTAÇÃO, TRADUÇÃO E ESTRUTURAÇÃO DE
SALAH H. KHALED JR.

Professor de Criminologia, Direito Penal, Sistemas Processuais Penais e História das Ideias Jurídicas na Universidade Federal do Rio Grande – FURG. Doutor e mestre em Ciências Criminais (PUCRS, 2011 e 2008), mestre em História (UFRGS, 2007) e presidente do Instituto Brasileiro de Criminologia Cultural.

ORCID ID: 0000-0003-4918-1060.

Lattes: [<http://lattes.cnpq.br/6155872393221444>].

salah.khaledjr@gmail.com

DOI: [<https://doi.org/10.54415/rbccrim.v193i193.224>].

RESUMO: Mike Presdee morreu de câncer aos 64 anos, em 2009. Ele era um sociólogo de aclamação internacional e grande magnetismo pessoal. Seu trabalho se concentrou na sociologia da juventude e na Criminologia Cultural. Ele era uma figura-chave no já florescente campo da Criminologia Cultural, convencido da impossibilidade de entender o crime (ou qualquer outra forma de comportamento humano) em termos de dados de pesquisa e análise quantitativa.

PALAVRAS-CHAVE: Mike Presdee – Criminologia Cultural – Pesquisa e análise quantitativa.

ABSTRACT: Mike Presdee died of cancer at age 64 in 2009. He was a sociologist of international acclaim and great personal magnetism. His work has focused on the sociology of youth and cultural criminology. He was a key figure in the already burgeoning field of Cultural Criminology, convinced of the impossibility of understanding crime (or any other form of human behavior) in terms of research data and quantitative analysis.

KEYWORDS: Mike Presdee – Cultural Criminology – Research and quantitative analysis.

SUMÁRIO: Obituário. A Criminologia Cultural e o Carnaval do Crime – uma breve visão. Entrevista com Mike Presdee: Você pode nos contar um pouco sobre seu novo livro, Criminologia Cultural e o Carnaval do Crime? Você pode falar sobre o significado do edgework e da paixão em seu trabalho?. Referências.

Eu não tive o privilégio de conhecer Mike Presdee ou de travar qualquer tipo de troca intelectual com ele. Na verdade, o início do meu interesse na Criminologia

KHALED JR., Salah H.

O carnaval do crime – uma entrevista com Mike Presdee (*in memoriam*).

Revista Brasileira de Ciências Criminais. vol. 193. ano 30. p. 291-301. São Paulo: Ed. RT, nov./dez. 2022.

DOI: [<https://doi.org/10.54415/rbccrim.v193i193.224>].

Cultural é contemporâneo ao seu prematuro falecimento, em 2009. Evidentemente, isso impediu a construção de um diálogo e de uma aproximação como ocorreu com Jeff Ferrell, Keith Hayward, Wayne Morrison, Michelle Brown e outras figuras centrais da Criminologia Cultural – ou ligadas a ela, como Jack Katz e Stephen Lyng – que estão reunidas neste dossiê.

Salvo melhor juízo, não há nenhuma entrevista formal publicada com Presdee e, portanto, não foi possível recorrer a esse tipo de material, como foi o caso da entrevista com Jock Young, realizada por René van Swaaningen e gentilmente cedida por ele. Essa lacuna parecia irreparável e de improvável solução. Mas quando me deparei acidentalmente com uma vídeo-entrevista não creditada de cerca de 16 minutos com Presdee, compreendi que era um material valioso e inestimável, que deveria ser preservado para a posteridade.

O que se segue é uma tradução parcial do obituário de Presdee escrito por Jock Young para o *The Guardian*, uma descrição sintética do seu livro *Criminologia Cultural e o Carnaval do Crime* e uma transcrição e tradução do conteúdo da entrevista, acompanhadas de algumas notas de rodapé extraídas de trabalhos relevantes que auxiliam a esclarecer o leitor sobre alguns conceitos, teorias e compreensões deste extraordinário autor.

OBITUÁRIO



Fonte: Common Study Programme and the study of Critical Criminology.

Mike Presdee morreu de câncer aos 64 anos, em 2009. Ele era um sociólogo de aclamação internacional e grande magnetismo pessoal. Seu trabalho se concentrou na sociologia da juventude e na Criminologia Cultural. Ele era uma figura-chave no já florescente campo da Criminologia Cultural, convencido da impossibilidade de entender o crime (ou qualquer outra forma de comportamento humano)

KHALED JR., Salah H.

O carnaval do crime – uma entrevista com Mike Presdee (*in memoriam*).

Revista Brasileira de Ciências Criminais. vol. 193. ano 30. p. 291-301. São Paulo: Ed. RT, nov./dez. 2022.

DOI: [https://doi.org/10.54415/rbccrim.v193i193.224].

em termos de dados de pesquisa e análise quantitativa. Ele argumentou que a “vida numérica” tinha pouca ou nenhuma relação com a “vida real” e que havia uma divisão crônica entre o conhecimento acadêmico (o olhar de cima) e a experiência cotidiana (a visão de baixo), revelada pela etnografia e pela biografia. Mike era uma daquelas pessoas que, por causa de classe, etnia ou migração, são permanentes forasteiros, que nunca se sentem à vontade com o mundo apresentado pela autoridade e que, por isso, são os melhores sociólogos e os mais lúcidos críticos.

Mike Presdee se formou em 1971 e pouco depois emigrou para a Austrália, onde obteve mais qualificações e experiência como professor de inglês e teatro. Ele retornou à Inglaterra em 1990, realizou estudos inovadores sobre a juventude e escreveu, entre outras coisas, uma série de ataques incisivos às políticas sociais neoliberais. Seus dois últimos cargos acadêmicos foram nas universidades de Sunderland e Kent, e durante esse período sua carreira em Criminologia Cultural realmente decolou.

A Criminologia Cultural foi feita para Mike e ele foi um de seus principais arquitetos. Ele fazia parte de uma geração de criminologistas britânicos que entraram na academia durante a era pós-1960 de expansão da oferta universitária e fez parte de um grupo que não mais olhava para a estrutura de classes a partir de uma posição de privilégio, na qual havia interesse, às vezes caridade, mas sempre distanciamento social. Em vez disso, eles falavam para aqueles que estavam nas posições inferiores da estrutura social e estavam cientes não apenas dos fatores estruturais de fundo da ação social, mas também do primeiro plano de consciência que lhe confere vida e significado.

Enquanto a criminologia tradicional confunde textos entediados e atores sociais robotizados com objetividade, a Criminologia Cultural se concentra na experiência fenomenológica do crime, da vitimização e da punição, enfatizando a raiva, a humilhação, a exuberância, a excitação e o medo. Ela revela a energia da vida cotidiana, seja na violação transgressiva de regras ou na natureza repressiva do conformismo e do tédio.

*Cultural Criminology and the Carnival of Crime*¹ (2000), de Mike, sintetizou essa abordagem. Um livro espetacular, no qual ele se concentra em tudo, desde direção arriscada a crimes de ódio, de criminalização de raves ao sadomasoquismo, enquanto explora noções de transgressão e resistência. Ele incorpora o

1. N.T. A Criminologia Cultural e o Carnaval do Crime, de Mike Presdee, fará parte da coleção “Criminologia Cultural”, coordenada por Salah H. Khaled Jr., na editora EMais.

KHALED JR., Salah H.

O carnaval do crime – uma entrevista com Mike Presdee (*in memoriam*).

Revista Brasileira de Ciências Criminais. vol. 193. ano 30. p. 291-301. São Paulo: Ed. RT, nov./dez. 2022.

DOI: [https://doi.org/10.54415/rbccrim.v193i193.224].

trabalho de Mikhail Bakhtin, Gilles Deleuze e Theodor Reik e se inspirada em textos anteriores de Jack Katz, Dick Hebdige e Jeff Ferrell. É uma das melhores introduções à Criminologia Cultural e sempre encanta os estudiosos do tema.

Perto do final dos agradecimentos do livro, ele se desculpou com seus amigos por aproveitar muito a vida e com seus patrões por parecer gostar muito pouco do trabalho. E foi isso mesmo: Mike era um *bon vivant*, um entusiasta intelectual, um marxista comprometido, um pai orgulhoso, um escritor inspirado, um pouco agitador – um homem maravilhoso.

A CRIMINOLOGIA CULTURAL E O CARNAVAL DO CRIME – UMA BREVE VISÃO

A vida cotidiana está se tornando cada vez mais cheia de violência, crueldade, ódio e humilhação. *A Criminologia Cultural e o Carnaval de Crime* procura compreender essa tendência, argumentando que um mundo econômico organizado e gerenciado provocou um desejo generalizado de formas extremas e resistentes de prazer popular e pessoal. Esse desejo resultou em uma “segunda vida” catártica de prazeres ilícitos, muitas vezes definidos como criminosos por quem está no poder.

Entre as questões fascinantes que Mike Presdee aborda estão:

- a vivência dos desejos carnavalescos nas ruas por meio de direção descuidada, crime de rua e comportamento antissocial, bem como de forma privada via Internet;
- a mercantilização do ódio, da mágoa e da humilhação na cultura popular; e
- a popularização e a criminalização do sadomasoquismo e das subculturas de *dance music*.

O autor conclui que, para realmente compreender tais atos, é essencial que os criminologistas se voltem para a Criminologia Cultural e que, à medida que os sucessivos governos tomam medidas para racionalizar a vida pública, eles continuarão a criar o crime em vez de reduzi-lo.

ENTREVISTA COM MIKE PRESDEE

VOCÊ PODE NOS CONTAR UM POUCO SOBRE SEU NOVO LIVRO, *CRIMINOLOGIA CULTURAL E O CARNAVAL DO CRIME*?

O livro discute muitos tópicos, mas obviamente o conceito de “carnaval do crime” é central. Aqui, de fato, estou olhando especificamente para a maneira

KHALED JR., Salah H.

O carnaval do crime – uma entrevista com Mike Presdee (*in memoriam*).

Revista Brasileira de Ciências Criminais. vol. 193. ano 30. p. 291-301. São Paulo: Ed. RT, nov./dez. 2022.

DOI: [https://doi.org/10.54415/rbccrim.v193i193.224].

como não temos mais carnaval na sociedade e agora temos um carnaval que está ligado ao capitalismo corporativo. Então agora temos um carnaval patrocinado que não é carnaval no sentido verdadeiro, não pode ser carnaval.

Então minha tese sobre o carnaval é que na verdade ele se dissolveu na vida cotidiana de forma que esses pedaços e a fragmentação do carnaval aparecem no dia a dia. Então todas essas pequenas coisas que costumavam acontecer em épocas definidas passam a acontecer todos os dias. Em relação ao colorido do carnaval, as pessoas agora realmente saem e querem cor em suas vidas, então elas se vestem de maneira estranha – nós saímos de noite e nos vestimos como se fosse carnaval, mas na verdade não é carnaval, embora tenha esse propósito.

A violência do carnaval, ou se você preferir, o lado negativo do carnaval, agora pode acontecer todos os dias, em vez de na primavera, no Natal, no solstício de verão – todos aqueles momentos em que o verdadeiro carnaval costumava acontecer. Não está mais lá, temporalmente definido, então a pressão está sobre todos nós – tentar extravasar dessa maneira, fazer essas coisas, todos os dias. As pessoas estão ficando cada vez mais hedonistas.

Dito de outro modo, a parte central do carnaval se torna algo que fazemos todos os dias. Especialmente para os jovens – sair e beber. *Binge drinking*² é uma espécie de termo novo – não costumávamos chamar isso de *binge drinking* antes, mas era algo que acontecia no carnaval; agora jovens bebem excessivamente uma vez por semana, duas vezes por semana, uma vez por mês. Eles estão fazendo isso em pequenos grupos, nem sempre todos juntos, então as ruas estão cheias de pessoas, meia-noite se você quiser ou 1 da manhã, que estão bebendo excessivamente – então o carnaval está acontecendo todos os dias em todo o lugar. A fragmentação do carnaval se esparrama pela sociedade contemporânea e a vida cotidiana, então essa é uma das coisas que eu discuto.

O crime serve ao mesmo propósito para muitas pessoas. É a fragmentação do carnaval. Com o crime, você obtém emoção, protesto, resistência. Você furta um carro que não vai vender. Portanto, não é crime de propriedade. Você não está tomando esse bem para ganhar riqueza simplesmente porque você é pobre. Então, do que se trata?

-
2. N.T. *Binge drinking* pode ser definido como o ato de beber uma grande quantidade de álcool em um curto espaço de tempo. Esse padrão se caracteriza pelo consumo de, pelo menos, quatro doses em uma única ocasião para as mulheres e de cinco doses para os homens, o que leva a uma concentração de etanol no sangue de 0,08% ou mais.

KHALED JR., Salah H.

O carnaval do crime – uma entrevista com Mike Presdee (*in memoriam*).

Revista Brasileira de Ciências Criminais. vol. 193. ano 30. p. 291-301. São Paulo: Ed. RT, nov./dez. 2022.

DOI: [https://doi.org/10.54415/rbccrim.v193i193.224].

É sobre buscar emoção. A sedução proporcionada por esse sentimento. Então é sobre emoções e, especificamente, as emoções do crime. Isso é algo importante, algo que precisamos olhar.³

Então, temos o carnaval da desordem do crime acontecendo na sociedade. Para a polícia ou para a sociedade que tenta controlar as pessoas, resta tentar controlar esse carnaval, mas eles não conseguem o situar – ele aparece em todos os lugares, e eles acabam o perseguindo por todos os lados, como podem e conseguem.⁴

Então, as pessoas no comando da sociedade estão sempre perseguindo o carnaval onde quer que ele esteja acontecendo, tentando impor leis de desordem e de ordem etc., como eles fizeram na Inglaterra para tentar controlar a todo custo o carnaval.⁵ A ironia é que se eles simplesmente se livrassem do carnaval patrocinado, provavelmente fariam muito melhor.⁶

Por outro lado, o carnaval está lá, no humor. A diversão do carnaval, na televisão. Então temos humor na televisão que faz parte do carnaval – muitas pessoas escreveram sobre isso. Está bem documentado nos estudos culturais.

Quando se fala em carnaval, a desvantagem é a violência. Carnaval pode mudar para algo muito violento. Ele pode simplesmente virar e pronto. Então as pessoas estão recebendo essa violência e ela está acontecendo em outros lugares. E assim a violência nas ruas e a violência em casa podem ter um ar carnavalesco.

3. Mike Presdee tratou amplamente de emoções tais como “perda”, “humilhação”, “ressentimento” e as preocupações associadas com “as injúrias ocultas de classe”, a “sensação pura de sobrevivência” e “as complexidades pessoais da vida cotidiana” (2004: 45).
4. Nessas circunstâncias, o aumento gradativo do controle, com a criminalização da vida cotidiana, pode produzir exatamente o oposto do efeito desejado: provoca transgressão, não conformidade (PRESDEE, 2000, p. 159).
5. Presdee define a criminalização como um processo cultural mediante o qual quem tem poder define e molda as formas dominantes de vida e lhes dá significados especiais. É o meio pelo qual os poderosos definem como e o que vemos, e assim, como percebemos o comportamento social dos demais. Eles definem o que é uma perversão e, portanto, o que é considerado desviante e o que é considerado criminoso. Seu poder influencia os processos de elaboração da lei para definir quais são os prazeres e passatempos aceitáveis e quais são os proibidos e considerados ilegais e criminais. Os poderosos também definem por meio da cultura quais estilos de música são criminalizados ou não; onde ela pode ser tocada ou não; onde podemos pintar e no que; onde podemos caminhar e quando; o que é erótico e o que não é (2000, p. 17).
6. Para Presdee, a criminalização envolve sempre o poder exercido por um grupo que tem condições para impor tais definições aos demais (PRESDEE, 2000, p. 17).

KHALED JR., Salah H.

O carnaval do crime – uma entrevista com Mike Presdee (*in memoriam*).

Revista Brasileira de Ciências Criminais. vol. 193. ano 30. p. 291-301. São Paulo: Ed. RT, nov./dez. 2022.

DOI: [https://doi.org/10.54415/rbccrim.v193i193.224].

E é isso que está acontecendo. Para compreender os jovens, sinto que essa é uma análise que pode ser útil. Você vê as brigas de rua em que eles estão envolvidos – é performance. É a performance do carnaval, então é parcialmente sobre isso que o livro trata.

Boa parte do livro também discute as pressões contemporâneas sobre as pessoas. Há uma coisa interessante que acontece com o capitalismo – ele exige eficiência, ciência, previsão, todos esses tipos de coisas. Então é uma abordagem racional típica da modernidade – quanto mais racionais ficamos, mais perfeito é o capitalismo, pois ele é baseado na racionalidade, quase sempre tentando encontrar esse Santo Graal oculto que é de fato eficiência e eficácia e é por isso que eu falo sobre a vida como uma tabela de classificação, pois somos medidos a cada momento – porque isso é científico. Portanto, seja sempre racional na vida. Sempre faça a coisa certa. Olhe para a tabela de classificação – é isso que vou ensinar, porque é isso que eles querem, porque está provado que é assim que eles se lembram etc. etc. etc.

Então, as pessoas tentaram cientificizar todos os lugares a que vamos. Se vamos atrás de uma refeição, por exemplo, em seguida... “Você está feliz com o seu serviço? Poderia ser melhorado? Marque as opções”. Entramos em um avião e lá está a cientificação novamente. “Assinale as opções – foi o bom serviço, foi isso e aquilo”. E eles supostamente podem juntar tudo isso em uma ciência dos serviços.⁷

Então, em todos os lugares a que vamos, absolutamente todos, dos motoristas de ônibus aos policiais, têm metas e indicadores de desempenho, e eles têm uma pseudociência os medindo. Essa sociedade contemporânea na qual estamos vivendo agora, eu sugiro, é uma cultura mais racional do que jamais houve na existência humana.

Mas, ao mesmo tempo, a sociedade exige uma certa irracionalidade. Excitação. Então eles têm que nos excitar, nos seduzir. Você tem que se apaixonar por

7. Presdee também identifica essa tendência racionalizadora na criminologia ortodoxa e administrativa, que para ele, é uma “fábrica de dados”, cuja finalidade consiste em suprir as demandas do poderosos (2004, p. 41-42). Presdee sustenta que com essa metodologia a experiência vivida é “patologizada” e “marginalizada” pelos dados oficiais sobre o crime. Para ele, os desejos que são parte de todos nós encontram-se enterrados nas profundezas da consciência cotidiana; não estão simplesmente disponíveis para medição e monitoramento. Mas tais emoções são elementos essenciais para a compreensão do crime e devem ser escavadas e exploradas de um modo que não denigra as experiências vividas, as respostas emocionais e sociais dos seres humanos que compõem o que chamamos de sociedade (2004, p. 43).

KHALED JR., Salah H.

O carnaval do crime – uma entrevista com Mike Presdee (*in memoriam*).

Revista Brasileira de Ciências Criminais. vol. 193. ano 30. p. 291-301. São Paulo: Ed. RT, nov./dez. 2022.

DOI: [https://doi.org/10.54415/rbccrim.v193i193.224].

um produto. Então você vai na casa de alguém e diz “eu simplesmente amo seu novo aparelho de televisão”. É maravilhoso e você se apaixona completamente por um novo aparelho de televisão. É aquela sedução do consumo – e você sai e compra. É totalmente irracional, pois você acabou de comprar o seu aparelho de TV na semana anterior, mas é um modelo anterior, então tudo bem.

Mas isso é irracional.⁸ A sociedade exige irracionalidade ao mesmo tempo que exige racionalidade, e esse é o coquetel do capitalismo. Eles estão tornando as pessoas racionais e depois fazendo-as agir de forma irracional.

Essa é outra parte da questão. Também discuto como esse estrangulamento do capitalismo e aparafusamento da racionalidade nos faz querer escapar dele e, assim, retorno a algo que já discutiu Weber, que são todos esses esforços de sepultamento da criatividade.

E assim, a violência é algo que pode ser criativo. A medida da violência pode ser a medida sobre o quão racional é a sua sociedade, você quase poderia argumentar. E muitas pessoas têm argumentado – que quanto mais racional for uma sociedade, mais violência e destruição você terá para escapar disso. É o que eu chamo de coquetel inebriante do capitalismo, esperando para explodir.⁹

E isso acontece – explode em tumultos na rua, quando todo mundo fica completamente furioso. Começa em um pequeno grupo e logo em seguida as pessoas estão incendiando prédios. Eles estão saqueando, estão fazendo todo tipo de coisa e se você não pode realmente fazer isso em público, então você faz isso individualmente e em particular. É o que chamo de fragmentação.

Ok, então você está fazendo suas pequenas coisas rotineiras de racionalidade. Mas você vai para casa e fecha a porta. Você tem essa vida totalmente politicamente correta. Na verdade, você não riu de pessoas que parecem um pouco estranhas. Você tem sido muito educado com pessoas de ambos os sexos. Você é

8. N. T. Para uma visão mais aprofundada da discussão sobre crime e consumo, veja o livro *Crime, Consumo e Vivência Urbana*, de Keith Hayward, publicado pela editora Emais na coleção Criminologia Cultural, coordenada por Salah H. Khaled Jr.

9. Como Presdee constatou, nós consideramos certos atos sem sentido porque para nós o ato é irracional, uma vez que está fora do circuito de significados do racionalismo científico. Mas isso é sem sentido para nós, não para o perpetrador do ato sem sentido (PRESDEE, 2000, p. 158). O autor destaca que muitos atos de ódio podem decorrer de amargura e serem direcionados a indivíduos ou grupos que são percebidos, correta ou equivocadamente, como responsáveis pelo sofrimento: governos, instituições, empregadores ou, simplesmente, a “autoridade”, por exemplo (PRESDEE, 2000, p. 158).

educado com pessoas com deficiências e dificuldades de aprendizagem. Você é educado com pessoas pequenas ou baixas. OK.

E todas essas coisas boas... quando você chega em casa você fecha a porta e liga a televisão e então entra em um mundo que é totalmente politicamente incorreto – é totalmente errado... e você gosta disso. Você desfruta de todas as coisas que não deveria na privacidade de sua própria casa.¹⁰

VOCÊ PODE FALAR SOBRE O SIGNIFICADO DO *EDGEWORK* E DA PAIXÃO EM SEU TRABALHO?

Uma das respostas a essa vida racional e a essa racionalidade insuportável das sociedades contemporâneas para a maioria das pessoas é a maneira como você sai ou escapa dela. Então o *edgework* de fato nos leva ao limite... o abismo de fazer o errado, o que seria irracional para muitas pessoas. O *edgework* lhe dá a emoção e a excitação de se levar à destruição pessoal total.

Mas no verdadeiro *edgework*... você retorna vivo dele e para ele. Com um detalhe. Somente é *edgework* se de fato houver a possibilidade de cair – cair no e do limite. Você tem que se levar até o limite e tem que voltar. Agora, nós podemos obter isso de várias maneiras.

Nós podemos realmente fazer *edgework* como Stephen Lyng e outros disseram – motociclismo fora da lei, BASE *jumping* e outras coisas. Mas como isso é relativamente caro, para pessoas que não podem pagar, existem diferentes maneiras de fazê-lo.

Para muitos jovens em uma tarde de sábado, por exemplo, a opção pode ser fazer alguns furtos em lojas. Para algumas pessoas que entrevistei, duas jovens em particular, foi como se fosse um jogo. Era como um jogo de computador. É como *Pac-Man* – lá estavam elas furtando objetos e atraindo a atenção do segurança da loja porque elas claramente não iriam pagar pelo que estavam pegando. Elas podiam ver que estavam sendo seguidas. E elas atravessaram a tempestade – a tensão era incrível. Você tem seguranças seguindo você, pessoas se movendo e falando por comunicadores e elas sabem o que está acontecendo – é uma sensação realmente emocionante para todos, na verdade. E então elas colocam todas as coisas no chão e saem – e o segurança da loja pode ver que o jogo acabou – você

10. Presdee aponta que o crime e a violência foram comodificados e, desse modo, tornaram-se desejados como objetos de consumo que são distribuídos por meio de várias mídias para o prazer do público (2000, p. 59).

pode ver que partida de *Pac-Man* acabou, elas apenas colocaram o Game Boy de lado e foram embora. Elas relataram que a sensação é incrível. Costumamos fazer isso... e é incrivelmente excitante, elas disseram. É algo sensacional. De certa forma, elas estão fazendo *edgework*.¹¹

Na verdade, há algo nas emoções do crime que é tremendamente sedutor e tremendamente agradável, e muitas transgressões têm a ver com isso. E assim, quando assistimos televisão, você assiste televisão de humilhação, como eu a chamo. E *reality shows*, também. Sabemos que é errado. É a mesma emoção que cometer um crime e uma transgressão. Mas nós estamos fazendo isso e milhões estão fazendo isso. Há cobertura de desastres e sofrimento e programas em que as pessoas são reunidas para serem humilhadas. Algumas pessoas procuram desastres e os filmam. E se você não consegue encontrá-los, você os faz. Criamos humilhação. E esse é um dos pontos centrais do que estou tentando dizer neste livro.

No programa de TV *Gladiators*, pessoas que não se conheciam são reunidas para bater umas nas outras e fazer coisas umas com as outras que nunca teriam feito de outra maneira. Nós criamos isso. É como no boxe, você cria duas pessoas que não se conhecem, não estão bravas uma com a outra, não estão em conflito, não estão em uma briga de bar. Na verdade, temos uma ciência da violência. As pessoas chamam o boxe de ciência da violência, com duas pessoas sendo colocadas juntas e tendo que bater uma na outra até que possam realmente danificar o cérebro de uma delas, que fica inconsciente. Pessoas morreram no ringue.

Da mesma forma, nós televisionamos isso. Nosso próprio *snuff movie*¹² – você sabe que todo mundo pode ver isso. Pode ser visto em qualquer lugar do mundo – centenas de milhões de pessoas. E isso é violência criada para nós e veiculada na televisão.

É um pouco como aqueles programas de vídeo de coisas desajeitadas. Vou enviar um vídeo de pessoas se acidentando e se machucando. Geralmente é cheio de pequenos desastres e apresenta o mesmo problema ético que o fotojornalismo teve por muitos anos: você registra ou ajuda alguém?

Então eu sempre uso o exemplo de um episódio de um programa assim, em que eles estão mostrando uma criança de 1 ou 2 anos, que ainda não se locomove

11. O autor considera que biografias da vida cotidiana teriam potencial para produzir descrições e explicações muito mais detalhadas sobre o fenômeno do crime do que as abstrações teóricas racionalizadoras (PRESDEE, 2004, p. 42).

12. N.T. Filmes que mostram mortes ou assassinatos reais de uma ou mais pessoas e são comercializados ilegalmente.

muito bem e está cambaleando em direção a um degrau bem elevado. Obviamente a criança vai cair. Quem está filmando a criança e o próprio público que assiste sabe o que vai acontecer... e no final a criança cai. Seus olhos ficam embaçados, todos aplaudem e todos riem. Agora você vê uma criança prestes a cair e se machucar. O que você faz? Você grava e envia para que todos possam curtir? Ou você diz *woops* e pega a criança antes que ela caia? E é exatamente isso que está acontecendo – deixe a criança de 2 anos sofrer e a nação pode se divertir. O que isso significa? Por que toda a nação quer ver um fofinho de 1-2 anos sofrer e se divertir com isso?

REFERÊNCIAS

- PRESDEE, Mike. *Cultural criminology and the carnival of crime*. London: Routledge, 2000.
- PRESDEE, Mike. The story of crime: Biography and the excavation of transgression. In: FERRELL, Jeff; HAYWARD, Keith; MORRISON, Wayne; PRESDEE, Mike (Org.). *Cultural criminology unleashed*. London: Cavendish, 2004.
- YOUNG, Jock. Mike Presdee: perceptive sociologist who played a key role in the growth of cultural criminology. *The Guardian*, 20.08.2009 Disponível em: [www.theguardian.com/education/2009/aug/20/obituary-mike-presdee]. Acesso em: 24.04.2022.